

O diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, resumiu os trabalhos de uma semana de reuniões e discursos da assembleia anual do Fundo Monetário e do Banco Mundial, encerrada ontem, afirmando que os ministros das Finanças e presidentes de bancos centrais que se reuniram aqui deixaram Seul com uma agenda repleta, dominada por um tema: "A necessidade de aumentar a vitalidade econômica dos países endividados para que possam superar suas dificuldades financeiras externas através do crescimento sustentado".

A maioria dos participantes tem agora o direito de esperar que as promessas feitas e os compromissos aparentemente assumidos não tenham tido por objetivo apenas atenuar as paixões e ansiedades que a questão da dívida continua provocando três anos depois daquele agosto negro de 1982.

No seu discurso de despedida, que em muitos trechos se assemelhou ao de A.W. Clausen, presidente do Banco Mundial, e ao do ministro do Senegal, Mamoudou Touré, presidente da assembleia, de Larosière falou das tarefas colocadas diante dos ministros pelas deliberações dos últimos dias.

"O crescimento econômico tem de ser consolidado, tanto nos países industrializados como nos países em desenvolvimento", afirmou. Políticas melhores têm de ser sustentadas pelos membros das duas instituições. Os fluxos financeiros para as nações devedoras têm de solidificar-se. É preciso fortalecer o sistema monetário internacional e resistir ao protecionismo comercial. Esses são os itens da agenda.

O compromisso com a manutenção do crescimento econômico em todo o mundo transparece também no discurso de Touré. O mesmo ponto foi assinalado por Clausen, quando perguntou: "O que, então, concordamos em fazer?", res-

# Fim da reunião em Seul: o FMI quer mais ajuda aos devedores.

Em seu discurso, De Larosière defendeu o crescimento sustentado e criticou o protecionismo comercial.

pondendo em seguida: "Concordamos que os problemas das nações de renda média altamente endividadas requerem um plano integrado de ação para cada país, envolvendo os quatro lados do processo: os governos dos países endividados, as instituições financeiras multilaterais, os bancos comerciais e os governos das nações industrializadas. Todos precisam chegar a um acordo em torno de uma estratégia para resolver os problemas e aí agir em íntima colaboração para executá-la. E cada lado precisa assumir sua integral responsabilidade".

Tanto Clausen, que se desligará do Banco Mundial em meados do próximo ano, como De Larosière, o francês lógico e preciso que mais uma vez foi a figura dominante do encontro, realçaram na lista do que deve ser feito a tarefa que cabe aos próprios países endividados. Clausen referiu-se à necessidade de que tomem medidas efetivas para corrigir os desequilíbrios fiscais e externos que colocam em perigo o crescimento sustentável.

Os ministros mantiveram o consenso de que o tratamento individual deve ser preservado. Cada país é um caso. "Mas as políticas necessárias precisam basear-se em certos elementos comuns", como disse de Larosière. Esse elementos



De Larosière e Clausen (presidente do Banco Mundial) falaram no mesmo tom: cada país endividado é um caso à parte.

são o estímulo ao investimento produtivo, a mobilização e a retenção da poupança interna, uma estrutura de preços relativos apropriada e a restauração da confiança e da estabilidade financeira doméstica. Vários oradores, recordou o diretor-gerente do FMI, sublinharam que onde essas políticas foram seguidas os resultados em termos de crescimento e desenvolvimento foram "impressionantes".

"Como muitos governadores salientaram, a responsabilidade de

resolver o problema internacional da dívida é coletiva", disse de Larosière. Daí a necessidade de se manter um ambiente internacional saudável e sólido, que proporcione a eliminação dos desequilíbrios fiscais e promova a redução dos juros. Números ministros creem que os países em melhor posição financeira poderiam contribuir mais ativamente para o aumento da demanda em seus mercados.

Outra exigência chave é o fortalecimento do sistema de comér-

cio mundial. Repetindo o presidente da Coreia do Sul, de Larosière disse que "o protecionismo é o primeiro passo de uma seqüência fatal de deterioração que fará todas as nações sofrerem". O diretor-gerente do Fundo monetário disse também que "o crescimento das receitas de exportação está no coração da estratégia desenhada para combinar o crescimento vigoroso com a melhora do crédito das nações endividadas".

Mas de Larosière disse que um aumento do fluxo de capital para esses países devedores também é necessário. Nesse sentido, mencionou a proposta do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, feita nesta reunião, para que os bancos comerciais e as instituições multilaterais (como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento) elevassem seus empréstimos aos 15 maiores devedores.

Num período de três anos, os bancos comerciais deveriam emprestar US\$ 20 bilhões. E as instituições multilaterais, US\$ 9 bilhões (3 bilhões a mais do que elas vêm emprestando). De Larosière disse que a proposta de Baker é construtiva e que, juntamente com a administração do Banco Mundial, procurará acelerar sua consecução.

Disse que todos os credores devem agir em uníssono, apoiando-se mutuamente.

"Esforços no sentido de adotar políticas econômicas apropriadas podem frustrar-se se não são apoiados por fluxos adequados de financiamento. Tais fluxos permitem ao estoque interno de capital crescer mais rapidamente e assim fortalecer a capacidade exportadora (do país)", afirmou. "Nesse sentido, não apenas permitem a aceleração do crescimento interno, como fortalecem a capacidade de longo prazo de uma economia para servir a dívida existente."

Voltando-se para o papel do FMI, de Larosière reconheceu que o Fundo não tem muitos recursos financeiros pra distribuir, mas disse que continua exercendo um forte papel catalítico para os financiamentos privados.

De Larosière encontrou dificuldades para responder à pergunta sobre o silêncio com que enfrenta as críticas dos seus adversários e da imprensa, quando sabe exatamente por que razão alguns programas de ajuste falharam (como o do México e o do Brasil) e por que outros foram bem-sucedidos (como os da Coreia do Sul e da Índia). O diretor-gerente do FMI disse que muitas vezes pensou no assunto, mas que sempre temeu entrar em polêmicas políticas com os países membros. Observou que o Fundo é um organismo de supervisão e que os governos membros têm de se sentir seguros de que não usará as informações que recolhe para criticá-los.

Ao mesmo tempo, porém, de Larosière disse ficar chocado com a discrepância entre as críticas feitas à distância e lidas na imprensa e a serenidade e pragmatismo que as autoridades demonstram nos encontros diretos com ele e seus assessores. Na intimidade, todos têm de conservar a calma, lembrou, embora nem sempre haja concordância sobre a velocidade do ajuste econômico.

A.M.Pimenta Neves, de Seul.